

Solidão, Minha Boa Companheira

É a separação que
enriquece a união—ou
será o contrário?

JOAN MILLS

AS VÊZES é melhor estarmos acompanhados—outras vezes é ainda melhor estarmos sós. Eu acredito em ambas as coisas e, quando me farto de uma, sinto-me atraída pela outra. Meus prazeres surgem como contraponto.

Tôda vez que me vejo prêsa numa série de dias com um amigo ou parente—queridos, sim, mas que não nos largam, não nos *querem* largar—fico apavorada. “Preciso escrever uma carta”, digo-lhes, fugindo para o meu quarto. Os outros ficam do lado de fora de minha porta, transmitindo implacavelmente as notícias sobre Berlioz, a renovação urbana, os remédios para calos e as suas psicanálises. Eu me meto entre os lençóis ou fico debruçada para fora da janela, ofegante.

Ou então fico demasiado solitária. Ninguém se aproxima. Não há um amigo em casa para atender ao meu chamado nem ouvir a minha batida

na porta, e eu preciso de um contato humano. Vou ao mercado e enredo o verdureiro numa discussão sobre brócolos; levo o carro até ao pôsto, onde me chamam de “freguesinha” e onde me sinto querida.

Na rotina da minha vida é fácil equilibrar a convivência com a solidão. Ao término de cada semana que passo em grande parte entregue a mim mesma, há um fim-de-semana transbordante de amigos e de familiares. Quando se vai chegando à saturação, chega a segunda-feira. E então vão todos embora, menos eu.

Nas manhãs de segunda-feira vagueio pelos quartos despovoados, escutando o grande e suave silêncio, entregando-me à sensação de estar inteiramente só. É como tornar a possuir um lugar muito particular para a gente se conhecer e crescer.

As crianças fazem refúgios assim para si. Um velho e alto pinheiro ergue-se entre os bosques e a cam-

pina perto da nossa casa. Entre os seus galhos, na obscuridade verde, nossos dois filhos construíram, há muito tempo, uma plataforma de tábuas, hoje enegrecidas pelo tempo. Eu imagino que ali êles criavam aventuras fantásticas, ou se estiravam preguiçosos e sonhadores a respirar o ar do verão, identificando os sons, travando conhecimento com os insetos e meditando sôbre os majestosos movimentos das nuvens.

O cantinho querido de minha própria meninice era um caixote de madeira. Dentro d'êles viera um piano; depois foi pintado e instalado debaixo de uma árvore. Nenhum adulto se interessava por fazer a longa caminhada até ao lugar onde êle estava. Nenhuma criança morava bastante perto para espionar, cobiçar, ou pedir para compartilhar o seu segredo fascinante.

A luz do dia passava através das fôlhas e entrava por uma janela que meu pai havia feito e eu havia acortinado com quadrados de chita presos com percevejos. A porta era proporcional ao meu tamanho e se abria para o sol ou se fechava contra a chuva caindo através das camadas do salgueiro dourado.

Eu tinha um acolchoado com calombos que se adaptavam ao meu corpo—e seu estampado estava apagado por outro colorido, feito de geléia e chocolate, manchas de pólen, rabiscos de creiom e nódoas de amoras. Era uma colcha *vivida*, e enfiadas em seus côncavos havia muitas delícias: uma boneca de pano frou-

xamente dócil a qualquer projeto meu; um par de sapatos de salto alto para calçar quando eu lia livros de adultos; pedrinhas de formatos fascinantes; uma lente que tornava as formigas assustadoras, e uma gaita-de-bôca que, dentro de casa, levava minha mãe à loucura, pois eu a conservava na bôca, soprando continuamente duas notas, para dentro e para fora, absorta em outros assuntos.

No caixote eu tinha liberdade para pensar no que me agradasse ou me intrigasse, e era muita coisa. Cantarolava melodias que eu mesma fazia, lia livros com a lombada amolecida de tanto uso. Arrumava buquês de escovinhas e meditava enquanto mascava o doce miolinho das flôres de trevo. Confortava-me imaginando que tinha as coisas que não tinha—e assim ficava sabendo quão pouco eu precisava para ser feliz.

Meus filhos já ultrapassaram a idade dos refúgios secretos especiais—e eu também, é claro. Mas perdura a sensação do que aquêles esconderijos representavam para nós, incorporada à reserva que conservamos intata dentro de nós. Mesmo na companhia de outros, nós conseguimos retirar-nos para o refúgio quando temos necessidade: quantas vêzes eu, mergulhada em pensamentos, ficava alheia ao falatório da televisão, à barulheira dos meninos correndo escada acima e escada abaixo, ou à garôta dando gritinhos ao telefone.

Às vêzes afastamo-nos um pouquinho só das pessoas. Eu fico à janela que emoldura a minha vista

predileta, ou saio para procurar cogumelos que não ouse apanhar nem comer. Meu marido vai esquiar, à procura de uma experiência que êle aprecia sòzinho, e volta para casa feliz à procura de calor e sociabilidade. Nossa filha mete-se no seu carro, os rapazes em seus quartos. Cada qual, no seu devido momento, regressa ao convívio das pessoas.

O convívio das pessoas.

“Não suporto ficar isolada”, digo eu, e é verdade. Meu coração revive com a conversa—e os silêncios—pela qual nós nos comunicamos com a outra pessoa, próxima, mas sempre separada. Gosto de eliminar essa distância com o toque da mão; isso me dá renovada esperança. Mas eu fui uma criança solitária, e o hábito da solidão também é forte em mim. Sou grata pelo fato de uma vez ou mais por ano meu marido me conceder uma reserva de sossêgo, quando leva as crianças com êle para outro lugar durante alguns dias.

Depois que êles partem, arrumo imediatamente a casa. O ambiente precisa ser sereno para as horas imponderáveis e repletas de lazer que tenho à minha frente. Além da arrumação, não faço plano algum. Essa é que é a parte maravilhosa.

Ninguém sabe se estou de pé e ativa ou se estou desavergonhadamente roncando ao meio-dia. Posso bater à máquina à meia-noite que ninguém me vem olhar furioso nem resmungar. Ninguém bate à porta do banheiro quando demoro na banheira, abrindo e fechando a água

quente com os dedos e chapinhando deliciosamente. Nenhum crítico comenta o fato de eu ficar com o meu tricô, esquecendo o jantar, e indo comer muito mais tarde, à luz bruxuleante da Sessão da Meia-Noite.

Oh, meus amigos, é delicioso.

Sòzinha, mas não solitária, eu construo filosofias, exploro minha alma, e no recato da solidão reconheço meu amor e minhas raivas, meus desejos e decepções. Sòzinha eu redefino o meu conceito das pessoas com quem vivo. Penso em qual dos filhos me acompanha na tarefa feminina de cozinhar, qual dêles demonstrou uma ternura ou um cavalheirismo inesperado. Deleitando-me com o luxo de uma cama só para mim, penso em como é aconchegante, em outros momentos, ter com quem conversar no escuro.

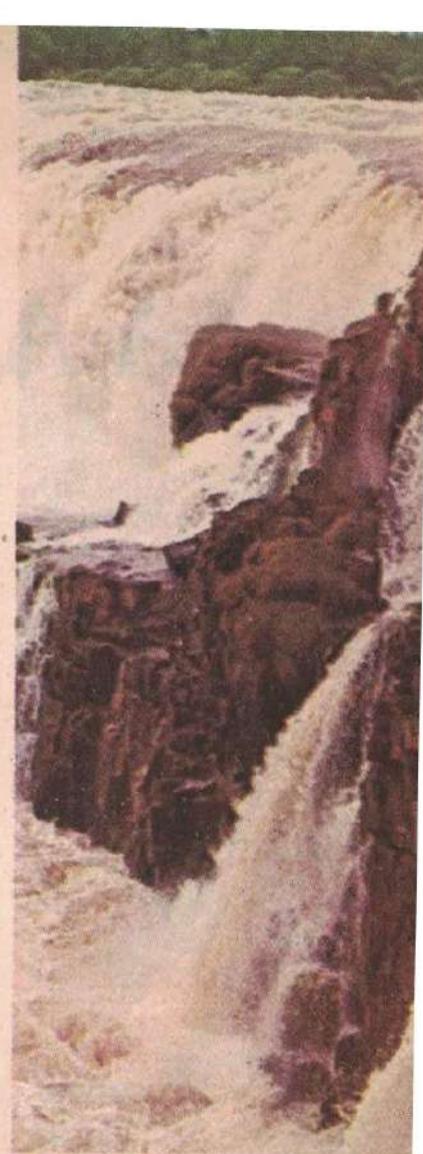
O tempo passa. Começo a aborrecer-me de ficar a sós. Não muito a princípio, só um pouco. Depois, mais. “Bem”, penso eu, “talvez deva fazer uma torta para quando êles voltarem.” E faço.

Então, de repente, cá estão êles, enchendo a casa com exclamações, bugigangas, lembranças e sacos de papel cheios de roupa suja. Espalham os pedacinhos do meu sossêgo como poeira ao vento. Está certo.

—Que bom que vocês voltaram—digo eu sinceramente.—Senti saudades de vocês.

—Eu também—diz alguém, curvando-se para cheirar a torta.

É a separação que torna doce a união—ou será o contrário?



Nenhum dia sem Nivea

V. já se deu conta da importância que tem a pele na boa aparência de uma pessoa? A pele é uma dádiva da natureza. Nivea é uma dádiva para sua pele. Use Nivea diariamente. No rosto, nas mãos, nos braços, nas pernas, no corpo inteiro. A pele retira desse creme branco como a neve, a dose certa de substâncias naturais e de umidade para manter-se saudável, rija, re-

sistente ao sol, ao vento, à poeira e à fuligem. Não importa que tipo de pele V. tenha: seca, gordurosa ou normal. Nivea trata-a de dentro para fora, com uma ação tão rápida quanto prolongada. Nivea torna mais resistente a pele dos bebês. É ótimo para crianças e jovens de todas as idades. Ideal para os homens, antes e após o barbear. Não deixe sua pele um só dia sem Nivea.